



FAMILIARIZANDO A NÃO-FAMILIARIDADE: ALTERIDADE E DIMENSÃO AFETIVA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIGANOS¹

Familiarizing non-familiarity: alterity and affective dimension in social representations of roma people

Mariana BONOMO* 

Julia Alves BRASIL** 

Greyc Kelle de Andrade CARDOSO*** 

Camila Nogueira Bonfim DUARTE**** 

Lucas Có Barros DUARTE***** 

Amandha Gyselle Martins NASCIMENTO***** 

Jéssica Maria Gomes de FARIA***** 

Resumo: O estudo objetivou analisar as representações sociais de ciganos entre não-ciganos da Região Metropolitana da Grande Vitória/Brasil. Com coleta de dados feita através de questionário, participaram do estudo 300 pessoas, com idades entre 10 e 25 anos. Os resultados, analisados por meio da análise fatorial de correspondência e da análise de cluster, evidenciaram quatro conjuntos de representações sobre os ciganos - “Eles são como aqueles outros”, “Eu desconfio e eles me incomodam”, “Nem conheço, mas tenho medo deles”, e “Sou fascinado por aquela cultura diferente” -, e ainda três diferentes tomadas de posição afetiva, orientadas pelo incômodo, ameaça e fascínio. Discute-se a complexidade do processo de familiarização na construção das representações sociais em sua interface com a dinâmica da alteridade.

Palavras chave: Alteridade. Ciganos. Dimensão Afetiva. Representações Sociais.

Abstract: The study aimed to analyse the social representations of Roma people among non-Roma in the Greater Metropolitan Region of Vitória/Brazil. With data collection done through questionnaire, 300 people, aged between 10 and 25 years old, participated in the study. The results, analysed through factorial analysis of correspondence and cluster analysis, showed four sets of representations about Roma people - “They are like those others,” “I distrust and they bother me,” “I do not know them, but I am afraid,” and “I am fascinated by that different culture” - and also three different affective positions, oriented by the discomfort, threat and fascination. The complexity of the process of familiarization in the construction of social representations is discussed in its interface with the dynamics of alterity.

Keywords: Alterity. Roma People. Affective Dimension. Social Representations.

Submetido em 14/01/2020. Aceito em 05/10/2020.

¹ O número de autores, superior ao recomendado pelas normas da Revista Sociedade em Debate, foi excepcionalmente autorizado pelo Conselho Editorial.

*Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Graduação, Doutorado e Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais, na Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514. Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <marianadalbo@gmail.com>.

**Doutora em Estudos Culturais pela Universidade do Minho/Portugal. Mestrado e graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)/Brasil. Pesquisadora de pós-doutorado, na área de Psicologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. PPG em Psicologia. Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514. Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <juliaalvesbrasil@gmail.com>.

***Mestre e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais. PPG em Psicologia. Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514. Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <greyc.kelle@gmail.com>.

****Mestre e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Técnica de referência no setor de Gerência da Proteção Especial (GPSE) da SETADES (Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Espírito Santo/Brasil). PPG em Psicologia - Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514. Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <camilanogueirabonfim@gmail.com>.

*****Mestre e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Professor substituto no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. PPG em Psicologia. Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514 - Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <lucascobarrosduarte@gmail.com>.

*****Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Psicóloga no Centro de Integração Empresa-Escola do Espírito Santo. PPG em Psicologia. Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514. Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <amandhag@hotmail.com>.

*****Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo. PPG em Psicologia - Edifício Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Fernando Ferrari, N. 514 - Campus Goiabeiras, Vitória - ES. CEP: 29075-910. E-mail: <jessica.mgfaria@gmail.com>.



INTRODUÇÃO

Ao longo da história dos grupos e categorias sociais, a questão da diferença e da alteridade tem se constituído como importante dimensão de inúmeros fenômenos de ordem identitária, tendo em vista sua força no trabalho de construção da vida social das diferentes sociedades, variando ao longo dos tempos em função de aspectos políticos, econômicos e culturais (JAHODA, 1999; JOFFE, 2007; MARKOVÁ, 2015; PHILOGÈNE, 2007). Embora a necessidade de produzir significados sobre o Outro surja como condição inerente à própria dinâmica social e constituição da realidade, os processos de construção do Outro (indivíduos e/ou grupos) como diferente-desigual têm favorecido a manutenção de relações de discriminação social (e.g. JODELET, 1989/2005; JOVCHELOVITCH, 2011; MOSCOVICI, 2002, 1961/2012; SMITH; O'CONNOR; JOFFE, 2015). Conforme discute Jodelet (2002, p. 47), a alteridade, como um “produto de duplo processo de construção e de exclusão social”, envolve o “trabalho de elaboração da diferença”, o qual é dirigido “para o interior do grupo em termos de proteção; para o exterior, em termos de tipificação desvalorizante e estereotipada do diferente” (JODELET, 2002, p. 51).

A partir de fenômenos que integram o estabelecimento de fronteiras entre espaços de sociabilidades tidos como legítimos e aqueles considerados marginais, estranhos e ameaçadores, na história dos grupos humanos, os processos de exclusão social têm se servido da manipulação do medo como recurso de controle das relações sociais (BAIERL, 2004; GLASSNER, 2003), cujos efeitos de densidade temporal podem ser verificados em práticas sociais cotidianas na atualidade. Sobre essa dimensão social do medo, Delumeau (1989, 2007), em seu trabalho sobre o medo no ocidente, discute a produção do Outro temido em diferentes sociedades, como forma de exercício de poder e de manutenção dos regimes ideológicos vigentes, dimensão também identificada por Woortmann (2000) em sua análise sobre alteridade e a produção dos povos do além fronteira como selvagens e primitivos. Os referidos autores demonstram que esse sistema integra estratégias de defesa e de proteção que envolvem desde a produção de um imaginário repleto de estórias e lendas (que reforçam a imagem desse Outro como entidade social a ser temida) até práticas de guerra (assumindo-o como alvo a ser combatido), o que revela a face dialógica entre violência e alteridade (SOUZA, 2004). De fato, como explicam Freitas e Dantas (2014, p. 896), “quanto mais os indivíduos de uma sociedade têm medo dos outros e buscam deles se proteger, mais insegura essa sociedade se sente e mais mecanismos de proteção irá produzir, pois o estrangeiro é visto como a variável desconhecida por excelência”. Essa parece ser a condição histórica de construção dos povos ciganos em diferentes territorialidades (MOONEN, 2011).

Alguns estudos (e.g. MACLAUGHLIN, 1998; TEIXEIRA, 2008; TILEAGA, 2006) apontam que, ao longo da sua história, diversos grupos ciganos foram frequentemente descritos a partir de sinônimos de barbárie, imundice, desonestidade e imoralidade. Além da atribuição de características socialmente inaceitáveis, que colocou os ciganos no lugar de “estrangeiros perigosos”, também encontramos exemplos de atribuição de traços de natureza “primitiva” através de processos de deslegitimação e desumanização dos ciganos (e.g. LIMA; FARO; SANTOS, 2016; PÉREZ; MOSCOVICI; CHULVI, 2007; SANTOS; LIMA,

2012). Essa construção pejorativa dos ciganos, como um grupo étnico problemático, se mantém ainda nos dias atuais (BONOMO *et al.*, 2011, 2012; CARVALHO *et al.*, 2012; FONTANELLA; VILLANO; DI DONATO, 2016; MACLAUGHLIN, 1998).

Quando são representados de forma mais positiva, os ciganos são descritos por meio de imagens romantizadas, através de elementos artísticos, de um estilo de vida livre e de emoções e paixões intensas. Desse modo, conforme apontam Villano e colaboradores (2017), a imagem moralmente negativa dos ciganos, elaborada a partir de estereótipos fundamentados na ideia, por exemplo, de criminalidade e preguiça, é complementada por uma imagem romantizada, porém, ainda distante das diferenças e realidades culturais deste grupo étnico. Nessa perspectiva, Sigona (2005) destaca que a imagem dos ciganos está pautada no discurso público do medo e do ódio ao outro, sem maiores experiências de contato ou tentativas de aproximação e reconhecimento (BONOMO *et al.*, 2011). Logo, tanto os traços negativos quanto os positivos atribuídos aos povos de etnias ciganas têm sido utilizados para caracterizá-los como incapazes de conviver numa sociedade moderna (MARINARO, 2009). Essa dinâmica tem sido, geralmente, acionada para racionalizar e justificar os arranjos sociais que os colocam em um lugar marginal (BYE *et al.*, 2014; KENDE; HADARICS; LÁŠTICOVÁ, 2017; POWELL; LEWER, 2017; SIGONA, 2005), e os mantém com as maiores taxas de rejeição, distanciamento e exclusão social dentre todas as minorias étnicas de diversos países (e.g. TILEAGA, 2006). Desse modo, destaca-se a relevância de reflexões sobre o envolvimento da dimensão afetiva na construção dessas representações sociais.

Teoria das Representações Sociais: familiarizando a não-familiaridade

Desde a publicação da obra seminal de Moscovici (1961/2012), *La psychanalyse son image et son public*, um aspecto central na Teoria das Representações Sociais (TRS) diz respeito a uma das funções principais das representações, qual seja: *familiarizar o não-familiar*. Segundo Moscovici (2000/2010, p. 56), o “não familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso”. Porém, e quando o não-familiar, o estranho, o Outro não se torna familiar? Quais aspectos estão envolvidos nesse processo de (não)familiarização? O próprio Moscovici (2000/2010, p. 54) afirmou em um de seus trabalhos que a “finalidade de todas as representações é *tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não familiaridade*” (grifos do autor). Contudo, conforme argumentam Morant e Rose (2002), essa possibilidade de familiarização da não-familiaridade foi pouco trabalhada em estudos específicos no domínio da Teoria das Representações Sociais.

Alguns estudos (e.g. JODELET, 1989/2005; MORANT; ROSE, 2002; ROSE, 1998) têm demonstrado que, no caso de alguns objetos, como a loucura/doença mental, o estranho não se torna familiar, ao menos não da forma como usualmente o processo de familiarização é considerado em discussões no âmbito da Teoria das Representações Sociais. Somam-se a estes, estudos que apontam para a necessidade

de realização de mais investigações que considerem o envolvimento do aspecto emocional, e não apenas do cognitivo, na construção das representações sociais e, portanto, na familiarização de diferentes objetos sociais (e.g. AIKINS, 2012; KALAMPALIKIS; HAAS, 2008; O'CONNOR, 2017; PIVETTI; MELOTTI; BONOMO, 2017; POMBO-DE-BARROS; ARRUDA, 2010). Neste estudo, apresentamos dados referentes às representações sociais de ciganos entre não-ciganos, a fim de contribuir para o debate acerca de objetos sociais que demandam maior atenção à complexidade do processo de familiarização e, ainda, contribuir para as reflexões sobre o envolvimento da dimensão afetiva na construção dessas representações sociais.

Segundo Moscovici (1961/2012), as representações sociais se configuram como uma modalidade de conhecimento que facilita a comunicação entre as pessoas e que atua na elaboração de comportamentos. Dessa forma, as representações sociais se manifestam em diferentes processos psicossociais: funcionam como guias para a ação, orientando práticas e condutas (função de orientação); avaliam as ações, atuando como parâmetros de justificação de comportamentos e práticas (função justificadora); auxiliam na identificação e diferenciação grupal, situando os indivíduos no campo social (função identitária); tornam familiar algo novo, permitindo entender, explicar e significar a realidade (função de saber) (MORERA *et al.*, 2015).

Dois processos se articulam para a elaboração das representações sociais: objetivação e ancoragem. A objetivação é um processo que possibilita a materialização de uma ideia, tornando reais alguns conceitos. Já a ancoragem, envolve a incorporação do novo, do estranho, ao conjunto de categorias e significações já existentes, mais familiares e disponíveis ao grupo (MORERA *et al.*, 2015; MOSCOVICI, 1961/2012). No entanto, o encontro com o Outro, com o não-familiar, envolve um estranhamento e uma desestabilização da ordem existente e almejada (JOFFE, 2002, 2007). Assim, em algumas situações, o processo de familiarização, no qual a ancoragem está envolvida, pode funcionar no sentido contrário: mantendo o estranho como não-familiar (KALAMPALIKIS; HAAS, 2008).

Dessa forma, como sugere Aikins (2012), subjazem ao processo de familiarização não apenas o medo do estranho e a resistência ao desconhecido, mas, sobretudo, tensões emocionais e cognitivas. Essa associação entre dimensão afetiva e cognitiva na construção das representações sociais faz com que alguns autores as definam como um processo cognitivo-emocional (AIKINS, 2012; KALAMPALIKIS; HAAS, 2008). A dimensão afetiva, como parte das relações sociais e da própria construção da realidade social (O'CONNOR, 2017; RIMÉ, 2008), possui uma importante influência na avaliação que os indivíduos fazem de determinados objetos sociais, ao auxiliar na familiarização com o Outro, com o diferente (CAMPOS; ROUQUETTE, 2003; POMBO-DE-BARROS; ARRUDA, 2010). Contribui, portanto, para os processos de identificação e diferenciação grupal, de modo a se fazer presente na interface entre representações e identidades sociais.

De acordo com Breakwell (1993), as identidades sociais poderiam influenciar as representações de três maneiras: pela seleção de determinados aspectos da representação em função dos interesses do grupo;

pela aceitação/rejeição de determinado objeto ou elementos de representação, dependendo da credibilidade da fonte; e pela extensão do uso da representação nas conversações em função do sistema de referência grupal. Ou seja, as inserções sociais dos indivíduos, conforme evidenciado por Doise (2002) na análise sobre os processos de ancoragem, atuam na modulação e construção dos objetos sociais integrando-os à dinâmica de sua realidade e contexto.

A fim de melhor compreender a dinâmica de relação entre dimensão afetiva, processo de familiarização e construção de representações sociais acerca do objeto social *ciganos*, seguimos, neste estudo, as proposições da abordagem societal ou sociodinâmica da Teoria das Representações Sociais (DOISE, 1992; DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992). De acordo com essa abordagem, as representações sociais se constituem como “princípios organizadores de variações entre tomadas de posição de diferentes indivíduos” (DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992, p. 15, tradução nossa). Logo, segundo essa perspectiva, ainda que determinadas representações sociais sejam compartilhadas entre membros de um grupo, estas não implicam maneiras homogêneas de se pensar a vida social, partindo, portanto, das diferentes inserções dos indivíduos na sociedade e de suas experiências para compreender os diferentes posicionamentos dos sujeitos frente aos objetos sociais (DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992).

O estudo das representações sociais a partir dos pressupostos dessa abordagem envolve, especialmente, a análise dos processos de ancoragem (DOISE, 1992; DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992), subdivididos em três tipos, quais sejam: ancoragem psicológica – orientada pelas crenças e valores individuais; ancoragem sociológica – a partir da pertença dos indivíduos a categorias sociais variadas; e ancoragem psicossocial – constituída por meio do posicionamento dos indivíduos em relação às suas diferentes inserções na sociedade.

Tendo em vista essas considerações, conduzimos este estudo com o objetivo de analisar as representações sociais de ciganos entre não-ciganos da Região Metropolitana da Grande Vitória/Espírito Santo, tendo como tarefa específica a análise sobre os processos de ancoragem e sua relação com a dinâmica da familiaridade/não-familiaridade.

MÉTODO

O estudo consistiu em uma pesquisa de natureza descritivo-exploratória (Gil, 2008), visando conhecer e descrever o que os participantes pensam sobre ciganos e analisar possíveis relações entre variáveis de interesse. Não foi objetivo dos autores que as amostras fossem representativas da população da Grande Vitória - ES. Portanto, os resultados obtidos não podem ser generalizados a toda a população da região e, tampouco, à população do estado ou do país.

Participantes

A amostra do estudo foi constituída de 300 pessoas residentes na região da Grande Vitória/Brasil, sendo 52.6% do sexo feminino, subdivididas em quatro grupos etários a partir de intervalo interquartil, com idades entre: 1). 10 e 13 anos (M=11.53; dp=1.09); 2). 14 e 17 anos (M=15.44; dp=1.14); 3) 18 e 21 anos (M=19.06; dp=0.95); e 4). 22 e 25 anos (M=24.33; dp=2.08). Entre os sujeitos com idades entre 10 e 17 anos (faixas de idade 1 e 2, totalizando 50% da amostra total), 36.3% estavam no ensino fundamental e 13.6% no ensino médio; e todos os sujeitos com idades entre 18 e 25 anos (faixas de idade 3 e 4) estavam cursando o ensino superior no momento da coleta dos dados (50% da amostra total). Todos os participantes se autodeclararam não-ciganos. Por meio da autoclassificação quanto à cor ou raça (conforme categorias propostas pelo IBGE), é possível identificar que a amostra é composta, majoritariamente, por indivíduos que se declararam pardos (45.66%), brancos (30%) e pretos (17.33%), seguidos de indígenas (2,33%) e de amarelos (1%), enquanto aqueles que não responderam a essa questão somam 3,66%.

Instrumento e procedimento de coleta de dados

A partir da aplicação de questionários, a coleta dos dados foi realizada em Universidades pública e privadas, bem como em instituições de ensinos médio e fundamental da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo/Brasil, conforme disponibilidade e anuência dos potenciais participantes para colaboração com o estudo. Portanto, não foi estabelecida previamente proporcionalidade em relação ao número de respondentes no que se refere aos diferentes espaços em que a coleta dos dados foi realizada.

Durante as visitas às instituições de ensino para coleta dos dados, em momento anterior à aplicação do questionário, foram explicados os objetivos da pesquisa e dirimidas dúvidas, bem como obtidas as anuências formais dos participantes do estudo. Além da autorização do próprio sujeito, aqueles com idades inferiores a 18 anos tiveram sua participação no estudo também assentida pelos representantes responsáveis pelas escolas. A coleta dos dados foi realizada nas salas de aula e teve duração média de 40 minutos em cada aplicação.

O instrumento era formado pelas seguintes seções: (a) técnica de evocação livre para o termo indutor *ciganos* (o que você pensa, sente ou imagina quando eu falo “ciganos”); (b) níveis de contato com membros de grupos ciganos (ter visto ou conversado com ciganos/as; se já havia lido algum material ou assistido a algum filme que abordasse aspectos da cultura cigana; e conhecimento acerca da presença de acampamentos ciganos próximos à residência do respondente); e (c) sentimentos associados aos ciganos, em que foi solicitado ao respondente que marcasse, a partir de uma lista com 26 itens (13 sentimentos positivos e 13 sentimentos negativos), aqueles que representavam seu posicionamento afetivo frente aos ciganos (PIVETTI; MELOTTI; BONOMO, 2017). Para os dados socioeconômicos, foram consideradas informações sobre nível de escolaridade, sexo, idade e identificação étnico-racial.

Tratamento dos dados

Seguindo a orientação teórico-metodológica da abordagem não consensual no estudo das representações sociais (DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992), o tratamento dos dados foi realizado por meio: (i) da formação de *clusters* de sujeitos, a partir dos elementos mais característicos (a) nos significados associados ao termo indutor *ciganos*, e (b) na dimensão afetiva frente aos ciganos; e (ii) da análise fatorial de correspondência, que permitiu identificar o campo representacional de *ciganos* a partir das relações de proximidade e de distinção entre os elementos evocados, bem como a projeção das variáveis de interesse (*clusters* de representações sociais de ciganos e *clusters* de afetos, além das variáveis sociodemográficas) nos fatores analisados.

Os referidos procedimentos foram realizados com o auxílio do *software* SPAD-T – *Système Portable pour l'Analyse des Données Textuelles* (LEBART *et al.*, 1994), por meio da análise de correspondência lexical. Para determinar o nível de aceitação das variáveis e dos elementos mais significativos à formação dos fatores considerou-se, respectivamente, $V\text{-test} \geq |2|$ e $c.a. \geq 3.7$ ($100/n$. total de elementos = $100/27$).

RESULTADOS

A partir dos objetivos do estudo, apoiando-se na análise não consensual das representações sociais, os resultados são apresentados por meio das seguintes subseções: (a) campo compartilhado das representações sociais de ciganos e (b) análise dos processos de ancoragem.

Campo compartilhado das representações sociais de ciganos

O conjunto de significados que compõem o campo representacional de *ciganos* para os participantes do estudo foi composto por 1.174 palavras, reunidas em 27 termos diferentes (Tabela 1), com frequência maior ou igual a 10 e média de evocação de 3.9 por respondente.

Tabela 1. Elementos característicos das representações sociais de ciganos

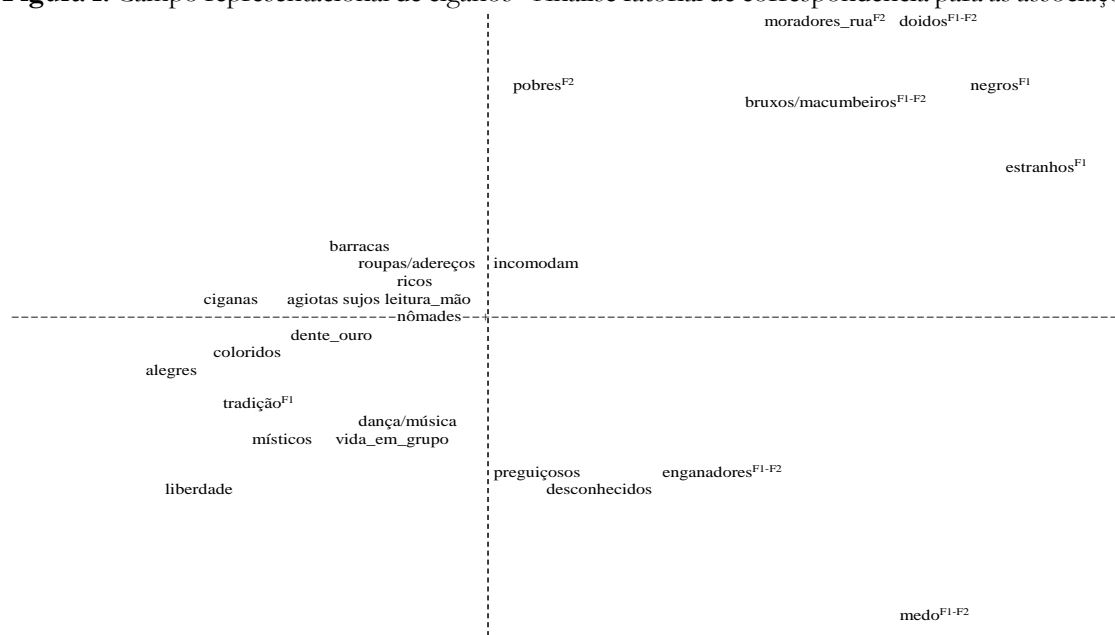
Termo	f	Termo	f
Nômades	144	Incomodam	23
Leitura de mão	87	Medo	23
Roupas/adereços	82	Estranhos	22
Enganadores	71	Sujos	22
Barracas	63	Preguiçosos	19
Bruxos/macumbeiros	54	Ciganas	18
Dança/música	54	Doidos	17
Ricos	45	Coloridos	16
Tradição	42	Liberdade	15
Vida em grupo	36	Negros	13
Desconhecidos	35	Agiotas	12
Pobres	33	Alegres	12
Dente de ouro	27	Moradores de rua	10
Místicos	25		

Compreendendo os elementos mais característicos do campo compartilhado das representações sociais de ciganos, as seguintes unidades temáticas podem ser evidenciadas: (a) dimensão *mágico-religiosa*, em que se apresentam significados como ‘leitura de mão’, ‘bruxos/macumbeiros’ e ‘místicos’; (b) *modo de vida*, marcado pela ideia de ‘tradição’ e ‘vida em grupo’; (c) dimensão *icônica*, com elementos que descrevem a imagem dos ciganos a partir da figura das mulheres ‘ciganas’, com ‘dentes de ouro’, ‘roupas e adereços’ (colares, brincos, flores nos cabelos, vestidos longos e rodados), além das ‘barracas’ coloridas; (d) *errantes e festeiros*, com ‘danças e músicas’ típicas, vistos como ‘nômades’, livres (‘liberdade’) e ‘alegres’; (d) *esperteza*, caracterizados como ‘enganadores’, ‘agiotas’ e ‘ricos’; (e) *elementos negativos estereotipados*, tais como ‘sujos’, ‘preguiçosos’ e ‘incomodam’; (f) associação a outros *grupos depositários* - ‘pobres’, ‘doidos’, ‘negros’ e ‘moradores de rua’; e (g) *ameaça e desconhecimento* - ‘desconhecidos’, ‘estranhos’ e ‘medo’.

A partir dos significados identificados, a análise fatorial de correspondência permitiu extrair dois eixos fatoriais: *Tornando o estranho familiar* (Fator 1) e *Familiarizando a não-familiaridade* (Fator 2), conforme Figura 1. O primeiro fator é constituído pelos polos em oposição *Significados positivos vs. Significados negativos*, enquanto o segundo fator é composto pelos polos *Medo social vs. Grupos depositários*.

Entre os elementos que mais contribuíram para a formação do primeiro fator, *Tornando o estranho familiar*, no polo *Significados positivos*, encontram-se os termos *tradição*, *alegres*, *barracas*, *ciganas*, *coloridos*, *dente de ouro*, *liberdade*, *místicos* e *nômades*. Já o polo *Significados negativos*, por sua vez, é constituído, principalmente, pelos termos *bruxos/macumbeiros*, *doidos*, *estranhos*, *negros*, *enganadores* e *medo*. Para a formação do Fator 2, *Familiarizando a não-familiaridade*, no polo denominado *Medo social*, estão os elementos *enganadores*, *medo* e *desconhecidos*, enquanto no polo oposto os ciganos são associados aos seguintes *grupos depositários*: *bruxos/macumbeiros*, *doidos*, *moradores de rua*, *pobres* e *negros*.

Figura 1. Campo representacional de ciganos - Análise fatorial de correspondência para as associações livres



Fator 1 (eixo x - horizontal) - Tornando o estranho familiar: significados positivos vs. significados negativos (F¹ = elemento significativo no Fator 1, com c.a. >3.7)
 Fator 2 (eixo y - vertical) - Familiarizando a não-familiaridade: medo social vs. grupos depositários (F² = elemento significativo no Fator 2, com c.a. >3.7)

Análise dos processos de ancoragem

Para a análise dos processos de ancoragem, foram consideradas as seguintes variáveis (Ver Tabelas 2 e 3): (i) *ancoragem sociológica*, por meio da análise das variáveis idade, sexo, escolaridade e níveis de contato com informações sobre a cultura cigana ou com membros de grupos ciganos; (ii) *ancoragem psicológica*, projeção dos *clusters* de sujeitos nos eixos fatoriais, a partir do conjunto de elementos evocados associados aos ciganos, com os termos mais característicos de cada agrupamento; e (iii) *ancoragem psicossocial*, com a associação dos *clusters* de sujeitos em função do posicionamento afetivo frente aos ciganos no campo representacional de *ciganos*.

Tabela 2. Projeção das variáveis para análise do processo de ancoragem

		Fator 1 - Tornando o estranho familiar		Fator 2 - Familiarizando a não-familiaridade	
		Significados positivos	Significados negativos	Medo social	Grupos depositários
Ancoragem sociológica					
Sexo	Feminino	-2.4*			1.1
	Masculino		2.5*	-1.0	
Idade	Idade 1: 10 a 13 anos		15.1*		6.5*
	Idade 2: 14 a 17 anos		7.0*		3.4*
	Idade 3: 18 a 21 anos	-8.5*		-3.4*	
	Idade 4: 22 a 25 anos	-11.9*		-5.7*	
Escolaridade	Fundamental		16.9*		6.1*
	Médio		4.0*		3.8*
	Superior	-18.5*		-8.3*	
Ancoragem psicológica					
Cluster 1 - “Eles são como aqueles outros”			19.4*		16.8*
Cluster 2 - “Eu desconfio e eles me incomodam”		-0.3		-0.3	
Cluster 3 - “Nem conheço, mas tenho medo deles”			14.6*	-20.4*	
Cluster 4 - “Sou fascinado por aquela cultura diferente”		-21.6*		-3.3*	
Ancoragem psicossocial					
Cluster 1 - “O outro que incomoda”		-3.6*			0.6
Cluster 2 - “O outro que ameaça”			9.8*	-2.2*	
Cluster 3 - “O outro que fascina”		-4.3*			1.2

* Significativo segundo critério V-test $\geq |2|$.

Para a análise da ancoragem sociológica, que consiste na abordagem da relação de pertencimento dos indivíduos em função de categorias sociais mais amplas, foram consideradas as variáveis sociodemográficas e níveis de contato, conforme Tabelas 2 e 3. Considerando o Fator 1 (*Tornando o estranho familiar*), opõem-se, nos polos desse primeiro fator (*significados positivos vs. significados negativos*), respectivamente: (a) os indivíduos do sexo feminino, os que possuem idades entre 18 e 25 anos (idades 3 e 4) e aqueles que estão cursando o ensino superior (associados ao polo *significados positivos*); e (b) os

participantes do sexo masculino, os que estão nas faixas de idade 1 e 2 (10 a 17 anos) e os que estão nos ensinos fundamental e médio (associados ao polo *significados negativos*).

No segundo fator (*Familiarizando a não-familiaridade*), as variáveis idade e escolaridade contribuem, novamente, para a formação opositiva dos polos, estando aqueles com idades mais elevadas (idades 3 e 4) e os inseridos no ensino superior associados ao polo *Medo social*, enquanto os mais jovens (10 a 17 anos) e os que estão cursando os ensinos fundamental e médio projetam-se no extremo *Grupos depositários*.

Em relação ao acesso a informações sobre os grupos ciganos e experiências de contato com membros dessa etnia, 82.3% mencionaram já terem visto ciganos/as (contato face a face), mas apenas 21% já tiveram algum tipo de interação verbal. Dos que têm conhecimento acerca da presença de ciganos nos arredores de seu território de moradia (60.6% da amostra), 27.4% moram perto de acampamentos ciganos. Os dados referentes ao acesso a informações por meio da mídia escrita e televisiva revelam que 35.3% já viram filmes ou novelas em que ciganos eram retratados (segundo os participantes, geralmente associados à leitura de mão, ao nomadismo e às danças e músicas típicas) e 20% declararam ter lido algum tipo de material em que os ciganos eram mencionados.

Tabela 3. Níveis de contato com informações sobre a cultura cigana ou com membros de grupos ciganos

Níveis de contato	Sim	f	Fator 1 - Tornando o estranho familiar		Fator 2 - Familiarizando a não-familiaridade	
			Significados positivos	Significados negativos	Medo social	Grupos depositários
Assistiu a filmes ou novelas sobre os ciganos	Sim	106	-7.9*		-2.0*	
	Não	187		6.6*		1.5
Leu algum material sobre ciganos (livro, jornal, revista, etc.).	Sim	60	-0.8		-1.8	
	Não	232	-0.7			0.2
Já viu cigano/cigana pessoalmente	Sim	247	-9.5*		-2.1*	
	Não	51		9.1*		1.2
Já conversou com cigano/cigana	Sim	63	-1.8		-1.0	
	Não	235		2.0*		0.9
Existe grupo cigano morando perto da residência do participante	Sim	50		3.5*		0.1
	Não	132	-2.1*		-1.1	
	Não sei	118	-0.4			1.0

Nota: Nas categorias se viu ciganos/as e se conversou com ciganos/as, 02 participantes não forneceram a informação solicitada; e nas categorias se leu algum material ou se assistiu algum filme ou novela sobre os ciganos, respectivamente, 08 e 07 indivíduos não responderam às questões.

* Significativo segundo critério V-test $\geq |2|$.

A análise dos níveis de contato contribui para a compreensão da variabilidade do campo representacional de ciganos. No polo negativo do primeiro fator (*significados positivos*), associam-se aqueles que já viram pessoas ciganas (presencialmente) e também quem assistiu a filmes ou novelas em que ciganos eram retratados; enquanto no polo positivo (*significados negativos*), a ausência de contato apresenta-se como dimensão significativa – se projetam nesse polo os que *nunca* viram filmes ou novelas que abordassem elementos da cultura cigana, os que *nunca* viram um cigano/a pessoalmente e aqueles que *nunca* interagiram verbalmente com membros dessa etnia. Inversamente a essa dinâmica, os que *não* moram perto de acampamentos ciganos projetam-se no polo *significados positivos* e os que têm conhecimento da presença de

grupos ciganos perto de suas residências estão associados ao polo *significados negativos*. No Fator 2, os níveis de contato contribuem para a formação apenas do polo *medo social*, estando nele localizados os que já tiveram contato visual com ciganos/as e os que já assistiram filmes ou novelas que mostravam ciganos ou elementos de sua cultura.

No que se refere à ancoragem psicológica, a partir do agrupamento dos sujeitos da representação em função dos significados mais característicos, procedeu-se à formação de quatro *clusters*, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4. Composição de cluster, com a indicação das categorias mais frequentes associadas ao termo indutor ciganos

Cluster 1 (57 sujeitos) “Eles são como aqueles outros”		Cluster 2 (68 sujeitos) “Eu desconfio e eles me incomodam”		Cluster 3 (20 sujeitos) “Nem conheço, mas tenho medo deles”		Cluster 4 (155 sujeitos) “Sou fascinado por aquela cultura diferente”	
Estranhos	6.81	Enganadores	6.82	Medo	10.5	Tradição	4.98
Negros	6.25	Preguiçosos	6.19	Desconhecidos	2.00	Barracas	4.40
Bruxos/macumbeiros	5.88	Incomodam	5.69			Liberdade	3.72
Moradores de rua	5.37	Sujos	4.56			Místicos	3.40
Doidos	5.03	Ricos	2.41			Roupas/adereços	3.27
Pobres	2.31	Agiotas	2.00			Alegres	3.22
						Dança/música	3.20
						Vive em grupo	3.14
						Coloridos	2.54
						Ciganas	2.32

Listagem dos elementos significativamente mais frequentes segundo critério $V\text{-test} \geq |2$

São agrupados no *Cluster 1* (“Eles são como aqueles outros”) um conjunto de significados que associam a imagem dos ciganos a *estranhos* e a grupos depositários, tais como *negros*, *bruxos/macumbeiros*, *moradores de rua*, *doidos* e *pobres*. O segundo *Cluster*, denominado de “Eu desconfio e eles me incomodam”, contém elementos que remetem à ideia dos ciganos como *enganadores*, *preguiçosos*, *incomodam*, *sujos*, *ricos* e *agiotas*. No *Cluster 3* (“Nem conheço, mas tenho medo deles”), manifesta-se a imagem dos ciganos como povo *desconhecido* e que provoca *medo* nas pessoas. Por fim, o quarto grupo (“Sou fascinado por aquela cultura diferente”) associa elementos relacionados à *tradição* e à figura da mulher *cigana*, retratando-os por meio das *barracas*, das *roupas e adereços*, das cores (*coloridos*), bem como da ideia de *liberdade*, de que são *místicos* e *vivem em grupo*, um povo *alegre* e que gosta de *dança e música*.

Conforme dados apresentados na Tabela 2, no Fator 1, associado aos *significados positivos* de ciganos, encontra-se o *Cluster 4* (V-test: -21.6) e no polo *significados negativos* localizam-se o *Cluster 1* (V-test: 19.4) e o *Cluster 3* (V-test: 14.6). No segundo fator, projetam-se, no conjunto de significados que constroem a representação dos ciganos a partir da imagem de ameaça (*medo social*), o *Cluster 3* (V-test: -20.4) e o *Cluster 4* (-3.3), e o *Cluster 1* (V-test: 16.8) associado ao polo *grupos depositários*. Informa-se que *Cluster 2* não se vincula de maneira significativa a nenhum dos fatores analisados.

Na ancoragem psicossocial em função da dimensão afetiva (Ver Tabela 5), foram selecionados pelos participantes 24 sentimentos de uma lista de 26 termos (13 positivos e 13 negativos), com média de 5.2 por participante.

Tabela 5. Elementos característicos do campo afetivo associado aos ciganos

Sentimentos positivos		Sentimentos negativos	
Termo	f	Termo	f
Curiosidade	168	Insegurança	166
Respeito	133	Desconfiança	161
Admiração	62	Medo	112
Solidariedade	60	Indiferença	102
Tranquilidade	56	Mal-estar	98
Simpatia	43	Tristeza	48
Encantamento	42	Nojo	47
Alegria	23	Pânico	41
Empatia	19	Antipatia	32
Afeição	14	Desprezo	28
Confiança	13	Aversão	26
		Raiva	25
		Ansiedade	23

Nota: Dos sentimentos positivos, *segurança* e *bem-estar* não foram escolhidos pelos respondentes para compor sua tomada de posição afetiva frente aos ciganos.

Por meio da análise de *cluster*, identificou-se o agrupamento dos sujeitos em três diferentes grupos, segundo a dimensão afetiva associada aos ciganos, conforme dados apresentados na Tabela 6.

Tabela 6. Composição de cluster, com a indicação das categorias mais frequentes referentes à dimensão afetiva associada aos ciganos

Cluster 1 (140 sujeitos) O outro que incomoda		Cluster 2 (63 sujeitos) O outro que ameaça		Cluster 3 (97 sujeitos) O outro que fascina	
Desconfiança	6.12	Nojo	8.73	Simpatia	8.57
Insegurança	5.34	Raiva	8.28	Admiração	7.65
Indiferença	4.57	Pânico	6.76	Tranquilidade	7.20
Aversão	2.47	Mal-estar	6.59	Encantamento	6.93
Ansiedade	2.33	Medo	5.17	Alegria	6.13
Curiosidade	2.21	Desprezo	4.53	Respeito	5.39
		Antipatia	3.56	Confiança	4.85
				Solidariedade	4.41
				Afeição	3.77
				Empatia	2.89

Nota: Listagem dos elementos significativamente mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$.

Formados, majoritariamente, por sentimentos negativamente valorados, o *Cluster 1* e o *Cluster 2* se organizam a partir de diferentes intensidades dessa polaridade, que reúne 67.6% da amostra, sendo o segundo agrupamento constituído por elementos cuja conotação negativa parecer ser mais forte, tais como *nojo*, *raiva*, *pânico*, entre outros. Para diferenciar os dois grupos, denominamos o primeiro de “O outro que incomoda” e o segundo de “O outro que ameaça”, respectivamente. São agrupados no *Cluster 3* (“O outro que fascina”) os sentimentos com polaridade exclusivamente positiva, tais como *simpatia*, *admiração*, *tranquilidade* e *encantamento*, entre outros.

No campo representacional de ciganos, no Fator 1 (*Tornando o estranho familiar*), os indivíduos que possuem tomada de posição afetiva frente aos ciganos a partir de sentimentos positivos (*cluster 3* – “O outro que fascina”) (V-Test: -4.3) e negativos (*cluster 1* – “O outro que incomoda”) (V-Test: -3.6) associam-se à formação das representações sociais de ciganos a partir dos *significados positivos*, enquanto aqueles que se agrupam no *Cluster 2* (“O outro que ameaça”), que são os elementos afetivos mais negativos, contribuem para a elaboração da dimensão *significados negativos* (Fator 1: V-test: 9.8) e manutenção das representações sociais de ciganos também na dimensão do *medo social* (V-test: -2.2) no Fator 2 (*Familiarizando a não-familiaridade*).

DISCUSSÃO

A partir da análise dos resultados obtidos, observamos que tanto o campo compartilhado das representações sociais de ciganos quanto a dimensão afetiva associada a ele remetem a dimensões hegemônicas das representações sobre esse povo, geralmente associadas aos grupos ciganos ao longo da sua história (e.g. BONOMO *et al.*, 2011; LIMA; FARO; SANTOS, 2016; TEIXEIRA, 2008; VILLANO *et al.*, 2017), envolvendo um duplo movimento de tornar o estranho familiar, conforme resultados apresentados no Fator 1 (*Tornando o estranho familiar*) e no Fator 2 (*Familiarizando a não-familiaridade*) (MOSCOVICI, 2009).

Conforme discutem Kalampalikis e Haas (2008), parece haver uma relação entre essas duas possibilidades de desdobramento do processo de familiarização e os dois tipos de pensamento social propostos por Moscovici (2002) – simbólico e estigmático. Segundo estes autores, a familiarização do não-familiar estaria associada ao pensamento simbólico, enquanto a familiarização da não-familiaridade estaria relacionada ao pensamento estigmático, garantindo a construção e a marcação da diferença deste Outro, do estranho. Essas duas possibilidades de familiarização coexistem no processo de construção das representações sociais destes indivíduos sobre os ciganos, evidenciando as ambiguidades inerentes à constituição múltipla das representações sociais. Podemos observar essas ambiguidades nos resultados, por exemplo, quando os indivíduos, ao tentarem *tornar o estranho familiar*, o fazem a partir da construção de representações pautadas tanto em significados positivos quanto negativos. Estudos empíricos como o que apresentamos neste artigo e como aqueles discutidos no trabalho de Morant e Rose (2002), podem se configurar, conforme ressaltam estes autores, como importantes exemplos que “desafiam a teoria [TRS] a reconhecer, primeiramente, que a representação não descarta a não-familiaridade, e, em segundo lugar, que a noção de não-familiaridade é complexa, especialmente quando combinada com ambiguidade e multiplicidade, como no caso da doença mental [e, podemos acrescentar, dos ciganos]” (p. 144).

Formando quatro conjuntos de representações sociais, a ancoragem psicológica (DOISE, 1992) evidenciou a elaboração de posições específicas frente ao objeto social, materializando as imagens sobre os ciganos, conforme processo de objetivação (MOSCOVICI, 2000/2010): “Eles são como aqueles outros”;

“Eu desconfio e eles me incomodam”; “Nem conheço, mas tenho medo deles”; e “Sou fascinado por aquela cultura diferente”. Evocam, por um lado, elementos que indicam uma ideia romantizada dos ciganos, destacando o fascínio que eles provocam (BONOMO *et al.*, 2012; VILLANO *et al.*, 2017), e, por outro, são também lançados à fronteira de uma alteridade negada. Neste processo de familiarização do Outro cigano, que, por vezes, ameaça e amedronta, alguns indivíduos realizam ainda associações entre os ciganos e diferentes Outros, elaborados historicamente como grupos depositários (JOFFE, 2002, 2007), aos quais cotidianamente são também dirigidos sentimentos negativamente valorados.

A aparente dimensão positiva do campo representacional (*Significados positivos* – Fator 1) apresentou-se associada, contudo, também a sentimentos negativamente valorados, como *desconfiança*, *insegurança* e *indiferença* (*Cluster 1* - “O outro que incomoda”). Nesse sentido, o processo de ancoragem sociológica demonstrou que os participantes mais jovens, e cursando o ensino fundamental ou o médio são aqueles que evocam elementos de cunho mais negativo em suas representações, enquanto os participantes mais velhos e com maior escolaridade (ou seja, cursando o ensino superior) parecem fazer mais uso de elementos positivos ou “politicamente corretos” em suas respostas, conforme também observado em estudos anteriores sobre grupos ciganos (e.g. CARVALHO *et al.*, 2012). É possível perceber, ainda, que a lacuna de contato com informações sobre a cultura cigana ou com membros de grupos ciganos é frequentemente preenchida pelos estereótipos (positivos e negativos) presentes no pensamento social hegemônico. Além disso, os resultados mostraram que os participantes que residem próximo a territórios ciganos associaram mais significados negativos aos ciganos, revelando que, apesar da importância do contato para a redução do preconceito, em alguns casos, a proximidade com determinados grupos pode fortalecer estereótipos negativos com relação a eles, conforme observado em estudos anteriores (e.g. CARVALHO *et al.*, 2012).

Na ancoragem psicossocial, por sua vez, através da associação dos *clusters* de posicionamento afetivo frente aos ciganos, pudemos observar que alguns sujeitos apresentaram sentimentos ambíguos de incômodo e fascínio (*clusters 1 e 3*) nas representações construídas a partir de significados positivos sobre os ciganos (Fator 1), demonstrando que a imagem romantizada dos ciganos ainda os mantém em um lugar negativamente valorado (e.g. BONOMO *et al.*, 2012; PIVETTI; MELOTTI; BONOMO, 2017; VILLANO *et al.*, 2017).

O posicionamento afetivo *Medo social* (*Cluster 2* - “O outro que ameaça” e polo *Medo social*/Fator 2), sentimento comumente relatado ao longo da história dos ciganos (e.g. PIVETTI; MELOTTI; BONOMO, 2017; SIGONA, 2005), parece orientar a construção das representações sociais pautadas em *significados negativos* (Fator 1). O medo e a resistência ao desconhecido subjazem ao processo de não-familiarização desse objeto, e podem servir para justificar os arranjos sociais que os mantém distantes e excluídos socialmente (BAIERL, 2004; DELUMEAU, 2007; FREITAS; DANTAS, 2014; GLASSNER, 2003; MOONEN, 2011; SOUZA, 2004; POWELL; LEWER, 2017). Por outro lado, apesar de os sujeitos que representam os ciganos como grupos depositários não apresentarem posicionamento afetivo específico, eles constroem a imagem

dos ciganos como o Outro que possui características consideradas como inferiores e indesejáveis, além de atribuir a eles tudo aquilo que não é familiar (JOFFE, 2007; PHILOGÈNE, 2007).

A plasticidade na maneira como os indivíduos representam o mundo, envolve a negociação de ambiguidades e contradições, que convivem no mesmo campo representacional (JOVCHELOVITCH, 2011) e permeiam a dinâmica identitária e afetiva dos indivíduos, de modo que um mesmo objeto social – ciganos – pode provocar temor e fascínio (BONOMO *et al.*, 2012), curiosidade e desconfiança, conforme observamos nos resultados. Dessa forma, vemos atuante o processo de familiarização da própria não-familiaridade (Fator 2) dos ciganos. Tal processo se relaciona a uma ideia do Outro como uma “categoria social familiar” (MORANT; ROSE, 2002, 141), à semelhança do modo como diferentes grupos sociais foram, ao longo do tempo, marginalizados e representados como os Outros na relação social estabelecida (e.g. JAHODA, 1999; JOFFE, 2002, 2007; MARKOVÁ, 2015; MORANT; ROSE, 2002; PHILOGÈNE, 2007). Nesse sentido, as representações sociais que os participantes do estudo partilham sobre os ciganos parecem envolver processos similares àqueles discutidos por Morant e Rose (2002, p. 141), que argumentam que “não familiaridade e não-predictibilidade existem como *conteúdos* temáticos das representações de ‘alteridade’. [...] Em outras palavras, os processos sócio-representacionais *constroem*, em vez de reduzir, a não-familiaridade” (grifos dos autores).

A análise sobre os dilemas da alteridade, como evidenciado nesse estudo, permite refletir, portanto, sobre a esfera da vida social em que a diversidade sociocultural dos grupos e categorias sociais organizam as sociedades; que, por excelência, são estruturadas sobre a base de relações conflitivas e estratificadas pelas relações de poder (BAUMAN, 2017; DELUMEAU, 2007). Essa configuração nos desafia quando as diferenças, que constituem o fundamento das relações sociais, assumem a marca da intolerância reificando o Outro a partir dos mecanismos da violência (JODELET, 2002; SOUZA, 2004). A tarefa de reconhecimento da diferença e da identidade deve, pelo contrário, impulsionar a transformação social e reconfigurar as sociedades de modo comprometido com o princípio da cidadania e com a concretização dos direitos dos grupos humanos, envergando verticalidades que têm produzido zonas de desigualdade e exclusão sociais para um plano comum, em que as tensões sociais possam ser debatidas e confrontadas (HOWARTH, 2006; JOFFE, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, de natureza exploratória e descritiva, apoiou-se no objetivo de analisar as representações sociais de ciganos, entre não-ciganos, tendo como tarefa discutir o processo de familiarização dessas representações sociais. Ressaltamos, portanto, que os dados encontrados não devem ser interpretados como representativos da população em geral, não tendo sido objeto desse estudo a configuração metodológica para fins de generalização de resultados.

No que se refere ao fenômeno em análise, conforme resultados apresentados, a dinâmica de elaboração do campo representacional parece orientar-se por um duplo funcionamento: *familiarização* do objeto entre os sujeitos da representação por meio da associação de significados estereotípicos, historicamente orientados; e manutenção do grupo cigano na dimensão da *não-familiaridade*, acionando o recurso do medo social e da imagem do eterno estrangeiro e desconhecido. O presente estudo, portanto, evidencia o papel central que a dinâmica afetiva ocupa nas relações com os Outros, com estes “estranhos” que fogem dos padrões que conhecemos e que causam desconforto e confusão, desestabilizando a ordem e sensação de controle que almejamos, causando, portanto, medo e ansiedade.

As reflexões e análises empreendidas nesse estudo demonstram, ainda, a importância de se propor novos estudos que tenham como objetivo aprofundar a análise da construção da alteridade e da familiarização da não-familiaridade, especialmente no contexto dos grupos sociais minoritários, que vivem cotidianamente os efeitos do preconceito e da discriminação social. De tal modo, será possível compreender as experiências, histórias e dinâmicas identitárias destes Outros, a fim de desenvolver relações de respeito e trocas, que promovam o questionamento de estereótipos que contribuem para a manutenção de representações e práticas estigmatizantes dirigidas a estes grupos sociais.

REFERÊNCIAS

AIKINS, Ama De-Graft. Familiarising the unfamiliar: cognitive polyphasia, emotions and the creation of social representations. **Papers on Social Representations**, v. 21, n. 1, p. 7.1-7.28, 2012. Disponível em: <http://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/341>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social – da violência invisível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BONOMO, Mariana *et al.* Temor e fascínio: dimensão afetiva e representações sociais de ciganos entre população não cigana. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 2, p. 245-264, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.4903>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BONOMO Mariana, *et al.* Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. **Universitas psychologica**, v. 10, n. 3, p. 745-758, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11144/javeriana.upsy10-3.mcmr>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BREAKWELL, Glynis Marie. Integrating paradigms, methodological implications. *In*: BREAKWELL, Glynis Marie; CANTER, David Victor (Eds.). **Empirical Approaches to Social Representations**. Londres: Clarendon Press-Oxford, 1993, p. 180-201.

BYE, Hege *et al.* Stereotypes of Norwegian social groups. **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 55, n. 5, p. 469–476, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/sjop.12141>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; ROUQUETTE, Michel-Louis. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000300003>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CARVALHO, Nayara Chagas *et al.* Representações sociais dos ciganos em Sergipe: contato e estereótipos. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 2, p. 232-244, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.4902>. Acesso em: 09 jan. 2020.

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. *In*: NOVAES, Adauto (Ed.). **Ensaio Sobre o Medo**. São Paulo: Editora Senac-Sesc, 2007, p. 39-52.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente, 1300-1800: Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOISE, Willem. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, n. 405, p. 189-195, 1992.

DOISE, Willem; CLÉMENCE, Alain; LORENZI-CIOLDI, Fabio. **Représentations sociales et analyses des données**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1992.

FONTANELLA, Lara; VILLANO, Paola; DI DONATO, Marika. Attitudes towards Roma people and migrants: A comparison through a Bayesian multidimensional IRTodel. **Quality and Quantity**, v. 50, p. 471-490, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11135-014-0158-9>. Acesso em: 09 jan. 2020.

FREITAS, Maria Ester; DANTAS, Marcelo. Medos sociais dos brasileiros. **Organizações & Sociedade**, v. 21, n. 68, p. 893-910, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302014000100008>. Acesso em: 09 jan. 2020.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOWARTH, Caroline. A social representation is not a quiet thing: Exploring the critical potential of social representations theory. **British journal of social psychology**, v. 45, n. 1, p. 65-86, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1348/014466605X43777>. Acesso em: 09 jan. 2020.

JAHODA, Gustav. **Images of savages: ancient roots of modern prejudice in Western culture**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1999.

JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. *In*: ARRUDA, Angela (Ed.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 47-67.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005. (Obra originalmente publicada em 1989).

JOFFE, Hélène. Degradação, desejo e 'o outro'. *In*: ARRUDA, Angela (Ed.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 109-128.

JOFFE, Hélène. Identity, self-control and risk. *In*: MOLONEY, Gail; WALKER, Iain (Eds.). **Social representations and identity: content, process, and power**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007, p. 197-213.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua Imagem e seu Público. *In*: OLIVEIRA, Angela Maria; SANTOS,

Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo (Eds.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 159-176.

KALAMPALIKIS, Nikos; HAAS, Valérie. More than a theory: A new map of social thought. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 38, n. 4, p. 449–459, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.2008.00381.x>. Acesso em: 09 jan. 2020.

KENDE, Anna; HADARICS, Martón; LÁŠTICOVÁ, Barbara. Anti-Roma attitudes as expressions of dominant social norms in Eastern Europe. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 60, p. 12-27, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.06.002>. Acesso em: 09 jan. 2020.

LEBART, Ludovic ; MORINEAU, Alain ; BECUE, Monique. **SPAD-T - Manuel de l'utilisateur**. Saint Mondé, France: Cisia - Centre International de statistique et d'informatique appliquées, 1994.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; FARO, André; SANTOS, Mayara Rodrigues dos. A desumanização Presente nos Estereótipos de Índios e Ciganos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 219-228, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012053219228>. Acesso em: 09 jan. 2020.

MACLAUGHLIN, Jim. Racism, ethnicity and multiculturalism in contemporary Europe: A review essay. **Political Geography**, v. 17, n. 8, p. 1013–1024, 1998. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0962-6298\(98\)00001-8](https://doi.org/10.1016/S0962-6298(98)00001-8). Acesso em: 10 jan. 2020.

MARINARO, Isabella Clough. Between surveillance and exile: Biopolitics and the Roma in Italy. **Bulletin of Italian Politics**, v. 1, n. 2, p. 265–287, 2009.

MARKOVÁ, Ivana. The Self/Other as an Epistemological Thema: A Commentary on Smith, O'Connor and Joffe, and on Moloney, Gamble, Hayman and Smith. **Papers on social representations**, v. 24, n. 2, p. 3.1-3.12, 2015. Disponível em: <http://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/117>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: Os Ciganos na Europa e no Brasil**. Recife: Digital Revista e Atualizada, 2011.

MORANT, Nicola; ROSE, Diana. 2002. Loucura, multiplicidade e alteridade. *In*: ARRUDA, Angela (Ed.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 129-148.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca *et al.* Theoretical and methodological aspects of social representations. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-0707201500003440014>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MOSCOVICI, Serge. Pensée stigmatisée et pensée symbolique: deux formes élémentaires de la pensée sociale. *In*: GARNIER, Catherine (Ed.). **Les Formes de la Pensée Sociale**. Paris: PUF, 2002, p. 21-53.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obra originalmente publicada em 1961).

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. *In*: DUVEEN, Gerard (Ed.). **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 29-109. (Obra originalmente publicada em 2000).

O'CONNOR, Cliodhna. Embodiment and the construction of social knowledge: Towards an integration of embodiment and Social Representations Theory. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 47, n. 1, p. 2–24, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jtsb.12110>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PÉREZ, Juan Antonio; MOSCOVICI, Serge; CHULVI, Berta. The taboo against group contact: hypothesis of gypsy ontologization. **British Journal of Social Psychology**, v. 46, n. 2, p. 249-272, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1348/014466606X111301>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PHILOGÈNE, Gina. Social Representations of Alterity in the United States. *In*: MOLONEY, Gail; WALKER, Iain (Eds.). **Social representations and identity: content, process, and power**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007, p. 31-42.

PIVETTI, Monica; MELOTTI, Giannino; BONOMO, Mariana. An exploration of social representations of the Roma woman in Italy and Brazil: Psychosocial anchoring to emotional reactions. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 58, p. 12-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.03.001>. Acesso em: 10 jan. 2020.

POMBO-DE-BARROS, Carolina Fernandes; ARRUDA, Angela Maria Silva. Afetos e representações sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 351-360, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200017>. Acesso em: 10 jan. 2020.

POWELL, R.; LEVER, J. Europe's perennial 'outsiders': A processual approach to Roma stigmatization and ghettoization. **Current Sociology**, v. 65, n. 5, p. 680-699, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0011392115594213>. Acesso em: 06 jan. 2020.

RIME, Bernard. **La dimensione sociale delle emozioni**. Bologna: Il Mulino, 2008.

ROSE, Diana. Television, madness and community care. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 8, n. 3, p. 213-228, 1998. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1298\(199805/06\)8:3<213::AID-CASP449>3.0.CO;2-C](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1298(199805/06)8:3<213::AID-CASP449>3.0.CO;2-C). Acesso em: 10 jan. 2020.

SANTOS, Mayara Rodrigues; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Processos de desumanização dos ciganos em Sergipe. **Clínica & Cultura**, v. 1, n. 1, p. 83-95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/639/0>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SIGONA, Nando. Locating 'The Gypsy Problem'. The Roma in Italy: Stereotyping, Labelling and 'Nomad Camps'. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 31, n. 4, p. 741-756, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691830500109969>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SMITH, Nicholas; O'CONNOR, Clíodhna; JOFFE, Hélène. Social representations of threatening phenomena: the self-other thema and identity protection. **Papers on Social Representations**, v. 24, n. 2, p. 1.1-1.23, 2015. Disponível em: <http://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/115>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOUZA, L. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. *In*: SOUZA, L.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.57-74.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Cigano, 2008.

TILEAGĂ, Cristian. Representing the 'Other': A discursive analysis of prejudice and moral exclusion in talk about Romanies. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 19-41, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/casp.846>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VILLANO, P., *et al.* Stereotyping Roma people in Italy: IRT models for ambivalente prejudice measurement. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 57, p 30-41, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.01.003>. Acesso em: 10 jan. 2020.

WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a História. Heródoto e a questão do Outro. **Revista de Antropologia**, v. 43, n. 1, p. 13-59, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000100002>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Contribuições dos autores

Todos os autores trabalharam em todas as etapas de desenvolvimento do presente estudo.
